

International Studies on Law and Education 17 mai-ago 2014
CEMOrc-Feusp / IJI-Univ. do Porto

A importância da convergência de habilidades no desenvolvimento profissional na contemporaneidade

Maria de Lourdes Ramos da Silva¹

Resumo: A convergência de habilidades adquire grande importância no desenvolvimento profissional do sujeito contemporâneo. Além das qualificações formais imprescindíveis para a execução das atividades relacionadas a um determinado campo de trabalho, é fundamental o desenvolvimento de habilidades interculturais que possam favorecer no sujeito tanto o entendimento dos demais, como a atuação concomitante nos diversos cenários profissionais que se entrecruzam de forma complexa.

Palavras Chave: habilidades interculturais, qualificações formais, desenvolvimento profissional.

Abstract: The convergence of skills is of great importance in professional development of the contemporary subject. In addition to those required for a particular field of work, it is essential to develop intercultural skills for understanding of others and facing various scenarios, articulated in a complex way.

Keywords: intercultural skills, formal qualifications, professional development.

O paradoxo da incerteza no mundo profissional

O mundo contemporâneo, cada vez mais caótico e insano, diante do qual a vida de cada um significa apenas uma sucessão de experiências cotidianas, dilui-nos em espaços cada vez mais reduzidos e impessoais, o que provoca não raro inúmeros desafios existenciais e profissionais.

E no campo das relações humanas, as dificuldades em corresponder a padrões de comportamento propostos como modelos pela mídia tem propiciado cada vez mais a sensação de uma incerteza indefinida, a qual provoca inevitavelmente certas rupturas árduas e complexas. Tais rupturas se refletem na vida pessoal e profissional, fazendo emergir sentimentos de angústia e de frustração difíceis de equacionar.

Ao lado dessa incerteza indefinida, os diversos aparatos de regulação exercitam um crescente controle sobre a vida cotidiana das pessoas, exigindo a todo o custo identificação e consenso, o que nem sempre acontece.

Segundo Melucci (2001), os conflitos que decorrem dessa regulação interferem na definição do ser em si mesmo em suas dimensões biológicas, afetivas, simbólicas, nas suas relações com o tempo, com o espaço e com o outro. Não raro, tais conflitos invadem o mundo profissional, dificultando ao jovem a livre expressão de suas possibilidades criativas.

Muitos acreditaram que o acesso à informação seria o caminho que nos permitiria fazer frente aos inúmeros problemas da contemporaneidade. Entretanto, percebe-se cada vez mais claramente que as múltiplas informações que nos chegam concomitantemente, longe de nos ajudar a entender o mundo que nos cerca, apenas nos confundem e pouco valem se não puderem ser analisadas, decifradas e decompostas em suas múltiplas mensagens, as quais muitas vezes são díspares e até contraditórias.

Por essa razão, a era da inovação exige cada vez mais dos sujeitos uma convergência de habilidades bem diversa do que se exigia em épocas anteriores no mundo do trabalho. As pessoas diariamente são bombardeadas por informações e acabam vivendo o paradoxo da pós-modernidade, onde em meio a tantas

¹. Professora Livre-docente da Faculdade de Educação da USP e Diretora da Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FAC-FITO) mlramos@usp.br, malu.ramos@fito.edu.br.

possibilidades e informações acabam perdendo a noção do que na verdade querem e como podem se desenvolver satisfatoriamente no mundo profissional. Entre tantas profissões possíveis, o jovem se sente compelido a escolher o mais rápido possível, baseando-se em critérios que nem sempre são os mais confiáveis.

Em muitas ocasiões, como aponta Silva (1996), os jovens são levados a optar precocemente por uma carreira profissional, sem o conhecimento adequado das variáveis envolvidas, o que os transforma em presas fáceis de múltiplas armadilhas. A seguir, passam por currículos rígidos em faculdades, nas quais são forçados a uma especialização também precoce. O produto final retrata não raro um profissional provinciano, incapaz de aproveitar as oportunidades de um mundo que exige permanente flexibilização, competência e adaptação.

Segundo Whitaker (1998), a escolha profissional pressupõe que o jovem imagine o cenário que deseja para viver sua vida e no qual gostaria de passar boa parte de seu tempo, já que os caminhos profissionais mais adequados são aqueles que estão mais de acordo com a subjetividade de cada pessoa. Entretanto, na maioria das vezes, o jovem escolhe a carreira profissional tomando por base certos estereótipos que ele internalizou e que na maioria das vezes não possuem vínculo com a realidade.

Em função desses estereótipos, o jovem, depois de passar pelo vestibular, muitas vezes não consegue adaptar-se ao curso que escolheu e acaba desistindo ou mudando de curso. Diversas pesquisas indicam índices de desistência muito altos, em torno dos 37%, principalmente entre o 1º e 2º ano, pois os jovens se encaminham para outro curso ao tomarem consciência de que o escolhido não corresponde ao seu modo de ser nem mesmo às suas expectativas iniciais.

Diante de tais fatos, o desenvolvimento profissional não mais se desenvolve em torno de um único campo ocupacional, mas sim em torno de diversas experiências profissionais que se entrelaçam de modo complexo, de acordo com as aspirações, valores e desejos que permeiam as múltiplas motivações vivenciais e vocacionais.

Além desses elementos, devem ser consideradas as implicações sociais que pesam sobre os sujeitos e que muitas vezes interferem de forma decisiva em seu desenvolvimento profissional (Silva, 1992)². À medida que os jovens tomem consciência da importância dos fatores sociais numa sociedade voltada essencialmente para o sucesso e para o poder aquisitivo, poderão focalizar o desenvolvimento profissional muito mais em função das relações que se estabelecem entre escola, trabalho e cidadania, do que como resultado de escolhas pessoais alienadas dessa realidade.

Os jovens devem estar preparados para as mudanças que se sucedem de forma ininterrupta no mundo profissional, pois todos os campos de trabalho são inevitavelmente afetados em algum momento por mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais. Por essa razão, é fundamental que entendam o cenário no qual a profissão se insere para conseguir fazer frente às mudanças com as quais fatalmente irão se deparar no decorrer de suas vidas.

Concomitantemente, é preciso que os jovens desenvolvam capacidades, produtos e serviços em sintonia com esse cenário ocupacional, antecipando-se a ele sempre que possível. Essa antecipação, aliada à percepção das experiências vividas por outras pessoas ao seu redor, pode fornecer sem dúvida uma valiosa matéria-prima para que venham a tomar muitas das decisões que lhes são necessárias no desenvolvimento profissional.

² Silva realizou estudos e investigações sobre as relações entre perfis psicológicos e opções profissionais, enfatizando os diversos fatores que interferem nessa opção. Silva, Maria de Lourdes Ramos. *Personalidade e Escolha Profissional: subsídios de Keirsey e Bates para a orientação vocacional*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1992.

As qualificações formais e as habilidades interculturais

Macedo (1998) nos alerta para o fato de que persiste uma dicotomia acentuada entre a educação que é ministrada pela escola na atualidade e a realidade imposta pelo mundo do trabalho. Em consequência da globalização que se alastrou indiscriminadamente, o trabalho sob a forma de emprego durável e permanente numa única empresa e num único local geográfico diminuiu substancialmente e continuará a diminuir cada vez mais daqui em diante.

Portanto, qualquer associação entre pessoas e profissões ou ocupações que possamos fazer, é cada vez mais tênue, principalmente devido ao ritmo de mudanças cada vez mais acelerado imposto pelo mundo ocupacional que interfere de modo decisivo no desenvolvimento profissional das pessoas.

Atualmente, os sujeitos tentam escapar cada vez mais das áreas tradicionais para tentar outras áreas de atuação fora dos limites anteriormente previstos. Tal ousadia torna-se um elemento fundamental para propiciar uma ampliação dos horizontes profissionais e para o surgimento de novas profissões.

Todavia, mais do que desistir das carreiras existentes no momento, os sujeitos buscam modos diferenciados de atuação dentro dessas mesmas carreiras. Por essa razão, hoje é muito difícil afirmar se alguém permanecerá ou não na carreira profissional original, porque as rápidas mudanças criam incessantemente novas áreas de atuação, atraindo profissionais de várias profissões adjacentes ou não.

Logo, um curso universitário atualmente deve ser considerado apenas como o primeiro passo do desenvolvimento profissional. Daí em diante, o jovem deverá ir analisando as diversas chances que se lhe deparam e deverá, se necessário, buscar outros cursos complementares ou não, com o objetivo de aperfeiçoar continuamente sua formação inicial ou de buscar novas alternativas no mundo do trabalho.

A escolaridade continua a ser fundamental no desenvolvimento profissional do sujeito, já que lhe permite pensar sobre a complexidade da existência e sobre as inúmeras possibilidades que se abrem à sua frente. É ela que nos possibilita desenvolver a capacidade de pensar, de refletir e de raciocinar sobre o que está acontecendo à nossa volta. E é ela que aos poucos nos ensina o que as informações querem realmente dizer.

Não obstante, além das qualificações formais, verifica-se que as habilidades interculturais começam a ser tão valorizadas quanto as qualificações formais no ambiente de trabalho; pois, num mundo cada vez mais globalizado, o mercado demanda mais do que habilidades específicas, tais como aquelas decorrentes da leitura, escrita e aritmética.

Embora consideradas como condições indispensáveis para ingressar no mercado de trabalho, as habilidades específicas desenvolvidas pela escola necessitam estar acompanhadas de outras habilidades interculturais, pois os jovens precisam saber comunicar-se com pessoas advindas de outros contextos culturais, trabalhar em equipe e desenvolver competência para negociar em diferentes ambientes culturais e sociais, uma vez que a força de trabalho torna-se cada vez mais itinerante.

Em decorrência dessas exigências, torna-se cada vez mais importante o desenvolvimento de habilidades tais como: curiosidade, ousadia, autonomia, prontidão para decidir, capacidade de lidar com as incertezas cotidianas sem reclamar, apostar sem medo nos valores em que se acredita sabendo que existem pouquíssimas certezas tranquilizadoras, pois a maioria dos profissionais hoje deve ser capaz de ir construindo o caminho enquanto pisa nele. Cada vez mais, os profissionais têm que ir descobrindo as respostas no momento em que as perguntas são feitas e por isso devem estar sempre atentos aos acontecimentos e às diversas inclinações do mercado de trabalho.

O trabalho também não deve tornar-se um jogo de ganhar ou perder entre o sujeito e os colegas e por isso os jovens devem evitar o sentimento de ameaça no ambiente de trabalho, aprendendo a conversar sem impor seus pontos de vista, o que nem sempre é fácil. Devem desenvolver ainda a coragem de conversar sempre com honestidade, considerando que o custo de não expor uma ideia ou um projeto na frente dos colegas e chefes pode ser bem alto, mesmo que eles só percebam isso bem mais tarde.

No momento em que as redes sociais se transformam em veículos de comunicação diária entre os sujeitos, as maiores chances de sucesso profissional dependem das informações que venham a ser trocadas com profissionais de campos profissionais diversos, a fim de que todas as barreiras sociais possam ser ultrapassadas.

A escola e a convergência de habilidades

E de que modo pode a escola ajudar a desenvolver nas crianças e nos jovens essas habilidades interculturais que lhe permitam atuar satisfatoriamente no mundo profissional atual? Como pode investir em ações capazes de desenvolver futuros profissionais com habilidades pertinentes ao novo cenário sociocultural?

Cada vez mais, os jogos e brincadeiras desenvolvidas na escola são encarados como elementos fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças; pois, ao brincarem, as crianças desenvolvem uma série de habilidades e competências que serão muito importantes em seus desenvolvimentos profissionais futuros, tais como: raciocínio lógico, senso de organização, trabalho em equipe e criatividade.

Dessa forma, a convergência das qualificações formais já desenvolvidas pela escola (escrita, leitura, cálculo) e das habilidades interculturais fundamentais ao mundo contemporâneo, passa a ser um elemento fundamental no desenvolvimento profissional das pessoas. Todavia, para decifrar quais são as habilidades envolvidas no mundo do trabalho, é necessário considerar tanto o ambiente interno como o externo.

O ambiente externo se refere à identificação das habilidades consideradas imprescindíveis para o tipo de trabalho específico a ser desempenhado pelo sujeito no cenário ocupacional do qual se trate, começando pelas habilidades básicas e evoluindo para as habilidades de maior complexidade. Já o ambiente interno se refere ao autoconhecimento das potencialidades e limitações do sujeito, para que, a partir desta análise, possam ser reforçadas aquelas habilidades que precisam ser mais desenvolvidas.

Para tanto, a relatividade e temporalidade das várias explicações feitas pelos professores em classe, bem como a oportunidade de encarar qualquer assunto ou ideia por diversos ângulos são fatores que devem ser sempre considerados, uma vez que a expressividade envolve duas espécies diferentes da atividade significativa: a expressão que a pessoa transmite (símbolos verbais ou substitutos utilizados para veicular a informação) e a expressão que a pessoa emite (ampla gama de ações).

Desenvolvimento profissional e subjetividades

O modo como o sujeito interage no grupo do qual participa é frequentemente um fator crucial para o seu desenvolvimento profissional. Tal interação baseia-se em grande parte na autoestima e na autoimagem que o jovem vai construindo paulatinamente por meio das múltiplas interações com os professores, familiares e rede de amigos. Por outro lado, a autoimagem pode impor-se como obstáculo ao desenvolvimento profissional do sujeito, à medida que marca negativamente as relações que se estabelecem entre os jovens, docentes, escola e mundo do trabalho.

Assim, o desenvolvimento profissional é permeado tanto pelas imagens que os sujeitos constroem em relação a si mesmos e aos demais, como pelas imagens que os demais constroem em relação a eles. Tais imagens, geralmente alicerçadas em

atitudes idealizadas que dificilmente se concretizam, definem as relações que se estabelecem no cotidiano ocupacional, afetando de diversas formas esse processo.

Tais aspectos denunciam a imagem (frequentemente negativa) que o jovem faz de si próprio em relação aos conhecimentos e habilidades que lhes são exigidos no processo de constituição de sua identidade. Tal imagem, forjada a partir de diversas interações sociais que lhe são propiciadas ao longo da vida, também se esfacela no momento histórico presente, já que as séries de interações diminutas estão cada vez mais substituindo tanto as conversas familiares como os relacionamentos sólidos.

Bauman (2005) denuncia esse esfacelamento das relações sociais entre as pessoas, pois, se por um lado elas se expõem cada vez mais aos múltiplos contatos facilitados pela tecnologia eletrônica, por outro lado acabam perdendo a habilidade de se engajarem em interações espontâneas com pessoas reais.

Concomitantemente, verifica-se que a escola demonstra grande dificuldade em aceitar esquemas novos de conduta dentro de padrões não conhecidos, como no caso da criatividade ou do pensamento divergente, que pressupõe uma desordem inevitável nos esquemas cognitivos aceitos até este momento histórico.

Neste sentido, Goleman (1995) tem defendido a necessidade de se derrubar o muro que se interpõe entre a inteligência cognitiva e a inteligência emocional, afirmando que é justamente o equilíbrio entre o eu racional e o eu emocional que determina o talento pessoal das pessoas, tanto no campo interpessoal como no campo profissional.

Por essa razão, a escola deve tentar sempre conciliar o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático com o desenvolvimento de algumas aptidões vivenciais básicas que até o momento têm sido menosprezadas, tais como: autoconsciência, autocontrole, empatia, intuição, comunicação com os demais, autoaceitação, responsabilidade pessoal, assertividade e busca de soluções para conflitos. Tais aspectos são fundamentais no desenvolvimento profissional do jovem.

Segundo Moreno (1999), os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade não constituem universos opostos, e não há nada que justifique o fato de que a escola deva preocupar-se apenas com um deles, excluindo o outro. Embora a educação escolar tenha focalizado o desenvolvimento cognitivo enquanto um de seus objetivos básicos, ambos os aspectos do funcionamento mental humano estão estreitamente interligados e foi somente o desconhecimento destas interações que produziu, em um passado que ainda persiste, a falsa ilusão de sua independência. No caso de haver desequilíbrio entre os dois aspectos (cognitivo e afetivo), a escola produzirá sujeitos capazes de progredir incrivelmente no campo da ciência e da tecnologia, mas sem o devido preparo emocional e social para organizar suas emoções e resolver conflitos de modo consensual.

Logo, o acompanhamento do desenvolvimento dos diversos potenciais dos educandos passa a ser um dos pilares da escola do século XXI e o cerne de seu trabalho volta-se cada vez mais para o diagnóstico das diversas combinações de competências necessárias aos vários domínios do conhecimento, do trabalho e do lazer. Para tanto, é preciso sempre acentuar a importância dos fatores extrapessoais, os quais desempenham um papel decisivo no desenvolvimento ou impedimento dos diversos talentos. As complexas redes de relações que incidem sobre valores, talentos, potenciais e aspectos culturais de uma dada sociedade devem sempre merecer novas reconsiderações por parte dos educadores, já que incidem inevitavelmente numa contínua área de tensão e até de conflito.

A ideia de uma educação escolar voltada para o desenvolvimento das potencialidades de cada aluno alicerça-se, basicamente, em dois fatores a serem considerados.

O primeiro se refere ao fato de que há diferenças marcantes entre os diversos processos cognitivos utilizados nos diferentes campos do conhecimento. Enquanto a

maioria dos psicólogos de uma geração atrás acreditava em leis gerais de aprendizagem, tais como: percepção, memória e atenção, as quais poderiam ser aplicadas indistintamente aos diversos conteúdos escolares, há, atualmente, nítidas evidências que denunciam marcantes diferenças nos processos cognitivos a serem utilizados nas diversas áreas de conhecimento.

O segundo diz respeito ao fato de que as diversas culturas sempre se beneficiam das diferentes inclinações intelectuais que possam existir entre suas populações. Mesmo entre pessoas de uma mesma profissão, como a advocacia, encontramos pessoas com misturas diferentes de forças intelectuais nas áreas da linguagem, da lógica e do entendimento interpessoal. Essas diferenças, entretanto, são sempre positivas e nunca devem ser menosprezadas.

Tais constatações alicerçam a convicção de que a escola só alcançará um significado real à medida que vá ao encontro das diferentes inclinações percebidas entre os alunos e as utilize como pontos de apoio para desenvolver outros tipos de habilidades, que hoje representam elementos indispensáveis ao desenvolvimento profissional do sujeito.

Conclusões

Escola e mundo do trabalho se entrelaçam de modo indelével. As redes informáticas, entrelaçando o planeta de forma cada vez mais densa, tornam ainda mais vulneráveis as fronteiras que ainda persistem. O conhecimento, por sua vez, torna-se um processo itinerante e dinâmico que ultrapassa os muros da escola e acompanha a vida toda do indivíduo.

Diante de tal complexidade, as habilidades cognitivas devem se distanciar da memória enciclopédica, pois o fato de saber buscar a informação, de selecioná-la, de distinguir relevâncias, de desenvolver a análise de alternativas e de dominar as ferramentas da compreensão textual em diferentes meios passa a representar recursos imprescindíveis ao sujeito na contemporaneidade.

Se, por um lado, a qualificação formal propiciada ao aluno torna-se um elemento de vital importância, uma vez que o ajuda a dominar as informações recebidas, possibilitando-lhe clareza ao pensamento, as habilidades denominadas interculturais assumem um lugar de destaque cada vez maior, pois propiciam ao sujeito uma abertura a novas interpretações e a modos diversos de encarar uma mesma situação, já que cada vez mais o trabalho individual cede lugar à produção grupal, o que ocasiona novas necessidades relacionais e estilos de trabalho diversos daqueles que até este momento vigoraram no mundo do trabalho.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- MACEDO, Roberto, **Seu diploma, sua prancha. Como escolher a profissão e surfar no mercado de trabalho**. São Paulo: Saraiva, 1998
- MELUCCI, A. **O Jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo, RS: Edit Unisinos, 2004.
- MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: A afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.
- SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **Personalidade e Escolha Profissional: subsídios de Keirsey e Bates para a orientação vocacional**. São Paulo: EPU, 1992.
- SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **O desafio da multidimensionalidade do intelecto nas relações entre mundo do conhecimento e mundo do trabalho**. In: Leite et al (Orgs) *Educação, Psicologia e Contemporaneidade*. São Paulo, Taubaté: Vabral, 2000.
- WHITAKER, Dulce. **Escolha da carreira e globalização**. São Paulo: Moderna, 1998.

Recebido para publicação em 03-10-13; aceito em 04-11-13